

O INTELLECTUAL ENGAGÉ DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Pilar Damião de Medeiros

Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal

Quem somos?
De onde viemos?
Para onde vamos?
O que esperamos?
O que nos espera?
(Ernst Bloch, 1959, Prefácio de *Princípio Esperança*)

O vocábulo alemão *Unsicherheit* — instabilidade, incerteza, contingência — é, do ponto de vista sociológico, pertinente para definir as inquietações do sujeito moderno face às múltiplas perplexidades e riscos da sociedade global (Beck, 1992 [1986]; Giddens, 2000). A imposição mecânica dos imperativos sistémicos e a crescente colonização pela visão monolítica da globalização do capital e das finanças na(s) esfera(s) do mundo da vida (*Lebenswelt*) (Habermas, 1981) — fruto do “consenso de Washington” que liberalizou o mercado a meados dos anos 80 — contribuíram para uma nova era de incerteza e risco social. Tal “dessocialização da economia” acionou, de acordo com Boaventura de Sousa Santos (2005 [2001]: 40), a metamorfose do cidadão em *homo consumericus*, com a qual “o critério de inclusão deix[ou] de ser o direito para passar a ser solvência”.

Porém, neste contexto, onde o fundamentalismo do mercado (J. Stiglitz) tende a prevalecer sobre as esferas do mundo social, um discurso de rutura e novas forças de ação cívica florescem num quadro de resistência alternativo, pois agora à escala mundial. Estes movimentos globais são essencialmente produto da desterritorialização (Held e outros, 1999), da nova sociedade em rede (Castells, 1999) e de um projeto comum de atores plurais que definem as suas causas como globais e organizam campanhas de protesto que atingem mais de uma nação e/ou organizações governamentais e não governamentais internacionais.¹ Os sujeitos coletivos dos movimentos globais (McDonald, 2006; Wieviorka, 2010), em oposição aos protagonistas dos movimentos sociais de meados dos anos 60 e 70, deixam de ter um estado-nação como referência. Deste modo, há que reconhecer que a morfologia das novas lutas sociais, embora arquitetada por uma nebulosa massa de atores globais (Wieviorka, 2010), tem vindo a contribuir para uma ação diferente de resistência conjunta não institucional e para reforçar a criação de uma nova *Öffentlichkeit* (esfera pública).

Tendo conhecimento da vasta literatura disponível sobre os movimentos sociais (Tilly, 1978; Melucci, 1988; Touraine, 1989; Kriesi, 1995; Snow, Soule e Kriesi,

1 M. Castells proferiu uma conferência em Inglaterra (24/11/2011) sobre: “How are Social Movements shaped by the availability of horizontal communication networks based on the Internet and wireless communication?”

2004; Della Porta e Caiani, 2009), este artigo não pretende, todavia, uma análise exaustiva sobre a sua complexidade teórica e até mesmo conceptual,² mas tem como objetivo central refletir, à luz da sociologia dos intelectuais, sobre a intervenção e *engagement* dos intelectuais da contemporaneidade nos movimentos sociais.

Segundo McAdam, McCarthy e Zald (1999 [1996]: 22-23), os especialistas em movimentos sociais destacam três grupos de fatores que explicam o seu surgimento e desenvolvimento: (1) a estrutura de oportunidades políticas e as restrições que os movimentos sociais têm de enfrentar; (2) as formas de organização (formais e informais) e a disposição dos contestatários; e (3) os processos coletivos de interpretação, atribuição e construção social que medeiam entre a oportunidade e a ação. Aquando desta análise, mesmo que breve, sobre os movimentos sociais há que destacar as diferenças substantivas entre três grandes ondas de mobilização: o movimento operário (centrado numa luta de classes); os novos movimentos sociais (centrados no sujeito); e novos movimentos globais (centrados em dilemas que abarcam os cidadãos a nível planetário).³

Para M. Wieviorka (2010: 111), os novos movimentos sociais (NMS) resultam da transição entre o movimento operário de ontem e os novos movimentos globais (NMG) de hoje, entre a sociedade industrial e a sociedade em rede. Neste sentido, enquanto nos movimentos de cariz clássico, “impregnados de materialismo ontológico e realismo epistemológico”, dominava uma aspiração revolucionária para uma mudança radical (Alexander, 1998), os NMS, paradigma dos filhos do *welfare state* ou, nas palavras irónicas de Jean-Luc Godard, dos “filhos de Marx e da Coca-Cola”, não se centram na redistribuição da riqueza, mas sim na liberdade individual, no reconhecimento de estilos e preferências identitárias. A. Touraine destaca ainda que esta mutação no objeto de resistência foi fruto de uma mudança de paradigma.⁴ Noutras palavras, enquanto que com o movimento operário emerge o sujeito social, com os “novos movimentos sociais” nasce o sujeito cultural.

Os múltiplos movimentos da modernidade pós-industrial — movimentos ecológicos, pacifistas, estudantis, feministas, homossexuais, civis, antinucleares, regionalistas — interessaram-se sobretudo pela subjetividade dos atores, pessoal e

2 Ver definição de Della Porta e Caiani (2009: 6): “Os movimentos sociais são conceptualizados como redes informais densas de atores coletivos envolvidos em relações conflituosas com adversários claramente identificados, que compartilham uma identidade coletiva distinta, usando principalmente os protestos como o seu *modus operandi*. Neste sentido, eles tendem a sobrepor-se, pelo menos em parte, com os atores da sociedade civil, geralmente identificados com um conjunto de associações voluntárias, distintas tanto do estado como do mercado e que partilham alguns valores cívicos comuns.”

3 Os novos movimentos globais surgem a partir de 1999 em Seattle e com a criação em 2001 do Fórum Social Mundial em Porto Alegre.

4 Compare-se com N. Pichardo (1997: 412): “Embora existam diferentes perspetivas sobre os NMS, um conjunto de conceitos e crenças fundamentais tendem a compor o paradigma NMS. As reivindicações centrais do paradigma NMS são, primeiro, que os NMS são únicos e, como tal, diferentes dos movimentos sociais da era industrial. As reivindicações dos NMS são assumidas como produto da idade pós-material e são vistos como fundamentalmente diferentes dos movimentos da classe trabalhadora do período industrial (Olofsson, 1988). [...] Os NMS são, em suma, qualitativamente diferentes.”

coletiva (Wieviorka, 2010). Como resultado, Stuart Hall (2003) salienta que todos estes movimentos, para além de constituírem “o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a *política de identidade* — uma identidade para cada movimento” (*ibid.*: 45) —, refletem igualmente “[...] o enfraquecimento ou o fim da classe política e das organizações políticas de massa com ela associadas, bem como sua fragmentação em vários e separados movimentos sociais” (*ibid.*: 44). Não obstante, uma panóplia de cientistas sociais assume que este avanço excessivo das subjetividades contribuiu para um atrofiamento e esvaziamento da esfera pública: enquanto que Z. Bauman (2000 [1999]: 71) ataca o excessivo hedonismo impulsionado pelo culto do eu que deu origem a uma agenda pública que se afigura com uma “colcha de retalhos de anseios pessoais”, Offe (*apud* Bauman 2000 [1999]: 113) mantém que estes NMS “estão longe de ter desenvolvido um esboço mesmo de programa para a transformação social com o mesmo grau de consistência e abrangência dos movimentos sociopolíticos anteriores”.

Trinta anos mais tarde, com um quadro social, económico e político completamente distinto do dos NMS, surgem os movimentos globais. Já que “[...] estamos num período transicional no que respeita a três dimensões principais: transição no sistema de hierarquias e desigualdades do sistema mundial; transição no formato institucional e na complementaridade entre instituições; transição na escala e na configuração dos conflitos sociais e políticos” (Santos, 2005 [2001]: 62) —, encontramos um cenário inédito de estratégia de mobilização, ação e resistência.

Ora, e face à vulnerabilidade do sistema político em relação ao domínio do jugo financeiro, de um mercado sem âncoras e da, até então, atomização social, é evidente o esforço dos cidadãos em repolitizar a esfera pública e de re-humanizar a vida quotidiana. Após a manifestação em Seattle (1999),⁵ a luta dos movimentos globais, ou altermundialistas, distingue-se: (1) pelas suas redes de movimentos articulados globalmente; (2) pela criação de fóruns sociais (como por exemplo o Fórum Social Mundial⁶ e o Fórum Social Europeu) que promovem a globalização por baixo; (3) pela autorreflexividade dos seus atores “gloais”; (4) pela possibilidade de criar alternativas democráticas ao neoliberalismo e à crescente iniquidade na distribuição da riqueza e do poder; e, finalmente (5) pela construção de

5 P. Bourdieu (2001: 29) destaca na manifestação de Seattle “os princípios daquilo que poderiam ser os meios e os fins de uma ação política internacional na qual as aquisições da investigação seriam transformadas em manifestações políticas bem-sucedidas ou até mesmo em instrumentos de intervenção rápida de uma nova forma de *agit prop*; aquilo que poderiam ser, de um modo mais geral, as estratégias de luta política de uma nova organização não governamental definida por um compromisso (*commitment*) total com o internacionalismo e uma adesão integral ao profissionalismo (*scholarship*)”.

6 Ver 1.º princípio da Carta de Princípios do Fórum Social Mundial: “O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de ideias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra.” (Recuperado em 20 de abril, 2012, de <http://www.forumsocialmundial.org.br>)

uma esfera pública transnacional e cosmopolita.⁷ Na verdade, e conforme sugere M. Wiewiorka (2010: 115),

[os] movimentos globais não se apresentam, ou não se apresentam somente, sob o ângulo da luta contra a dominação clássica, o seu maior estímulo não é combater as lógicas de exploração. Têm sobretudo sede de construir um outro mundo e de acabar com diversas formas de desprezo e de ignorância que os deixam à parte. É talvez o que explica que tenham dificuldade, quiçá ainda mais do que os “novos movimentos sociais” dos anos setenta, em definir um adversário social.

Tal carácter emancipatório destas lutas progressistas destaca o espírito cosmopolita de uma globalização “de baixo para cima”. A reciprocidade entre resistências locais e transnacionais tornou-se, deste modo, um aspeto fundamental para os atores sociais definirem a sua ação, para se sintonizarem com outros indivíduos e conceberem uma noção de coletividade. Segundo A. Touraine (2005: 37):

O movimento altermundialista ocupa hoje um lugar tão importante como o socialismo nas primeiras décadas da sociedade industrial. Um e outro lutaram e lutam sobretudo contra a direção capitalista da economia e da sociedade. Um e outro, por conseguinte, atacaram e atacam um modo de desenvolvimento mais do que um tipo de sociedade definido por formas de produção, de organização e de autoridade. O movimento altermundialista exige uma gestão democrática das grandes transformações históricas.

Com o início da crise financeira e económica, atribuiu-se uma importância particular ao crescimento expressivo de fóruns e movimentos de sujeitos que se organizam globalmente por redes. I. Scherer-Warren (2006: 115) afirma que estas redes

[...] por serem multiformes, aproximam atores sociais diversificados — dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações —, e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores. Ainda que esse diálogo não seja isento de conflitos, o encontro e o confronto das reivindicações e lutas referentes a diversos aspetos da cidadania vêm permitindo aos movimentos sociais passarem da defesa de um sujeito identitário único à defesa de um sujeito plural.

Muito genericamente, e em jeito de exemplo desta configuração de atores e sociedade em rede, a 15 de maio de 2011 o movimento dos “Indignados” — inspirado na

7 Ver Boaventura de Sousa Santos (2005 [2001]: 73): “Pese embora a heterogeneidade os movimentos e organizações envolvidas, a contestação à Organização Mundial do Comércio aquando da sua reunião em Seattle, a 30 de novembro de 1999, foi uma eloquente manifestação do que designo por cosmopolitismo. Foi seguida por outras contestações contra as instituições financeiras da globalização hegemónica realizadas em Washington, Montreal, Genebra e Praga. O Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre em janeiro de 2001 foi outra importante manifestação de cosmopolitismo.”

obra de cariz panfletário de Stéphane Hessel, *Indignez-vous!* (2010), e no slogan “criar é resistir, resistir é criar” — mobiliza-se em rede como sujeito plural e sai em massa para as ruas: em Madrid aglomerou 50 mil pessoas. Em agosto e setembro, os “Indignados” manifestam-se em Paris. No dia 15 de outubro, Nova Iorque é surpreendida com um movimento com características semelhantes — “Occupy Wall Street” — e o dia fica rotulado como o “World Revolution Day”.

Curiosamente, o ressurgir dos movimentos sociais de finais dos anos 90 fez reaparecer a figura do intelectual *engagé*. Porém, esta nova relação dialógica entre ativistas e intelectuais veio a pôr em causa o conceito de intelectual “pós-moderno”. É de salientar que no período entre os NMS e os NMG a figura do intelectual sofreu várias interpretações e críticas. Ora, com a morte de J. -P. Sartre, o “intelectual total” que, através da imaginação democrática, de um vasto repertório de ideias, avaliações, capacidades e lógicas, divulgava e defendia os valores universais pulveriza-se, com a substituição de metanarrativas pelas microideologias, pelos discursos fragmentários, descontínuos e dispersos (Lyotard, 2000 [1979]) que brotam nos anos 60 e 70. O fim das grandes ideologias contribuiu, por um lado, para o fim do intelectual legislador e, por outro, para a ascensão do intelectual especialista (Foucault, 2000), ou do intelectual intérprete que traduz diferentes repertórios, códigos e tradições (Bauman, 1987). Noutras palavras, na era do pós-modernismo, em que “[...] as grandiosas narrativas foram substituídas por situações locais e jogos linguísticos, [...] os intelectuais pós-modernos enaltecem a competência, e não os valores universais como a verdade ou a liberdade” (Said, 2000 [1993]: 32).

De facto, a voz do intelectual comprometido só retoma a sua ressonância pública com o despertar das crises e riscos globais da última década. Agora, e parafraseando E. Said (*ibid.*: 49), a sua tarefa é “universalizar, clara e inequivocamente, a crise, dar uma maior abrangência humana ao que uma dada raça ou nação sofreu, associar essa experiência aos sofrimentos dos outros”. Esta dimensão autónoma e cosmopolita do intelectual vem, assim, marcar a rutura tanto com os argumentos de J. Benda (2003 [1927]), N. Chomsky (1967) e R. Jacoby (1990 [1987]) que proclamavam a traição do intelectual, como com a visão de Fuller (2004) que anunciava mesmo o seu fim. Aliás, o trabalho de reconstrução do objeto na sociologia dos intelectuais deverá apoiar-se na proposta de Fleck, Hess e Lyon (2009: 1) que, ao rejeitarem o diagnóstico do declínio dos intelectuais, propõem uma análise sobre a sua transformação:

Ao longo dos anos, novos grupos de intelectuais ocuparam a arena pública, enquanto outros desapareciam [...] o/a intelectual do século XXI é muito diferente nas suas aspirações e modo de funcionar quando comparado/a com o que era o tipo emergente desde há mais de uma centena de anos.

É sabido que desde o *Affaire Dreyfus* em 1894, o papel e representação do intelectual tem sido alvo de grande discussão (de J. Benda a A. Gramsci, de C. W. Mills a P. Bourdieu, de K. Mannheim a Z. Bauman, de N. Bobbio a N. Chomsky e a E. Said). Contudo, o papel dos intelectuais dos movimentos sociais do século XXI já não se enquadra nem na visão do intelectual clássico, carismático e comprometido com os

valores universais, nem na representação restrita do especialista defendida por M. Foucault. Parece-nos, assim, que o contributo de P. Bourdieu — que concebeu o conceito de “campo” de forma a quebrar com a visão dos intelectuais como atores desinteressados que prestam homenagem somente ao mundo das ideias⁸ — é um dos que melhor demarca as novas formas de resistência e luta dos intelectuais do movimento. Como resposta à questão “Os intelectuais estão fora do jogo?”, Bourdieu (1983: 70) sustenta que

[...] é importante que o espaço onde é produzido o discurso sobre o mundo social continue a funcionar como um campo de luta onde o polo dominante não esmague o polo dominado, a ortodoxia não esmague a heresia. Porque neste domínio, enquanto houver luta, haverá história, isto é, esperança.

Consciente da relevância dos intelectuais no mundo contemporâneo, este sociólogo assume em *Contrafogos 2* (2001: 23-24) que estes são “indispensáveis à luta social” e faz um apelo aos “intelectuais específicos” para que se reúnam num verdadeiro intelectual coletivo, autónomo, capaz de se aliar aos movimentos sociais. Segundo Bourdieu (2001: 25)

[...] o intelectual coletivo [...] pode organizar ou orquestrar a busca coletiva de novas formas de ação política, de novas maneiras de mobilizar e de fazer trabalhar em conjunto as pessoas mobilizadas, novas maneiras de elaborar projetos e de os realizar em comum. Pode desempenhar um papel de parteiro, assistindo a dinâmica dos grupos em trabalho no seu esforço por exprimirem, e no mesmo ato descobrirem, aquilo que são e aquilo em que poderiam ou deveriam tornar-se, e contribuindo para a recolção e para a acumulação do imenso saber social sobre o mundo social do qual este preenche. Poderia assim ajudar as vítimas da política neoliberal a descobrirem os efeitos diversamente refratados de uma mesma causa nos acontecimentos e nas experiências na aparência radicalmente diferentes, sobretudo para aqueles que os vivem, que se encontram associados aos diferentes universos sociais [...] de uma nação ou de nações diferentes.

Assim, o intelectual coletivo do século XXI deve assumir-se como um contrapoder e, nas palavras de Fernando Savater (*El País*, 25/2/2012), deve tomar a seu cargo o esclarecimento de temas políticos e sociais no espaço público:

Os intelectuais são escritores, professores e artistas que querem fazer-se ouvir fora das suas áreas de trabalho sobre questões políticas e sociais. Deveriam trazer a debate público argumentos ou propostas que transcendessem as cautelas do pragmatismo político habitual, para assim enriquecerem a compreensão e não a confusão ou a simplificação desses temas. (Savater, 2012)

8 Ver Eyal e Buchholz (2010: 124).

O intelectual deve, deste modo, estar envolvido numa potencial mudança qualitativa e instigar — numa época de crise, de angústia, de desespero e de incerteza — reflexão, recapitulação sobre o estado das coisas. Pois um momento de crise, assevera Z. Bauman (2000 [1999]: 146), é também um “momento de reprodução e autorrenovação”. É, geralmente, um momento em que novos laços de solidariedade e reciprocidade tendem a florescer e a luta social tende a ser reconhecida como extensão da democracia.

A consolidação da crise global, aliada ao inconformismo social e ao reaparecimento da voz do intelectual na esfera pública, deu origem a um novo espaço dialógico e de convergência entre uma grande variedade de resistentes revoltados com o poder da nobreza financeira mundial que domina todas as esferas do mundo da vida, com as assimetrias sociais e com a fragilidade política que está, simultaneamente, sobrecarregada de problemas e demasiado vazia de pensamento (Morin e Nair, 1997: 22).⁹ Ante este panorama de injustiça social, o intelectual deve assim ser capaz de agir, pois compreender não é suficiente.¹⁰ Para além de ter de adequar o seu discurso à heterogeneidade de repertórios socioculturais que transpiram na democracia das ruas e de costurar alianças sociais que transcendem as barreiras nacionais, deve também ter a capacidade de projetar as vozes do movimento na agenda pública e mediática e na arena política. Para J. Alexander (1998),

[...] a ambição de um movimento social deve ser, porém, a de recolocar demandas específicas, tirá-las de instituições particulares para o interior da própria sociedade civil. Quando os “intelectuais do movimento” são bem-sucedidos nessa tarefa, os movimentos iniciam uma conversação com a sociedade e atraem a atenção dos seus membros para uma compreensão mais global de sua causa. Quando isso acontece, o problema e o grupo que o aciona entram definitivamente na vida pública.

É importante realçar a ação de um grupo de intelectuais que, ao longo da última década, tem vindo a explorar a esfera pública transnacional a partir de locais privilegiados de resistência, nomeadamente, através da imprensa internacional — *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, *Die Zeit*, *El País*, *The Guardian*, *The New York Times*, entre outros. Nestas circunstâncias, e considerando a velocidade dos novos fluxos de informação, os intelectuais conseguem, com muito mais facilidade, dinamizar o conflito e, inclusive, globalizá-lo.¹¹ Segundo N. Bobbio (1997: 93-94):

9 Veja-se também E. Morin e S. Nair (1997: 228): “Resistir é o mesmo que denunciar o mal, salvar o pouco de humanidade que resta — solidariedade e lucidez indispensáveis. [...] Hoje esta moral estoica de resistência reúne uma grande variedade de resistentes: crentes revoltados com a injustiça do mundo, revolucionários pacientes, intelectuais recuperados das suas ilusões, defensores amargos da memória dos horrores da História, etc. [...] E ética estoica é a nossa razão de todos os dias [...]”

10 Ver T. Judt (2009): o intelectual tem sempre que enfrentar a decisão de como atuar numa dada situação — compreender não é suficiente.

11 Ver os resultados da investigação de Della Porta e Caiani (2009: 30): “[...] nós assumimos que os *media* impressos são uma das arenas mais importantes de reivindicação de decisões públicas, e que a maioria dos atores irão, numa altura ou noutra, tentar tornar públicos os seus pontos de vista”.

Os meios com os quais os intelectuais podem tornar conhecidas e fazer valer as suas próprias ideias [...] são enormes. Nenhuma comparação possível entre o tempo em que Sócrates se entretinha com os amigos, os discípulos ou os alunos, em um diálogo íntimo, e o nosso tempo, no qual um artigo publicado em qualquer jornal pode ser lido imediatamente por milhares de pessoas ou uma aparição na televisão pode ser vista por milhões. Nosso auditório dilatou-se desmesuradamente. De limitado a uma região, a um território, a uma cidade, tornou-se nacional [...] De nacional, torna-se, em alguns casos, quase internacional, graças à rapidez das traduções e à rapidez das comunicações.

J. Habermas e J. Derrida souberam tirar proveito destes mecanismos mediáticos com o intuito de provocar uma maior consciencialização dos cidadãos, neste caso europeus. Daí podermos afirmar que um dos momentos mais marcantes de resistência na Europa do século XXI ocorre em 31 maio de 2003, quando J. Habermas com a coassinatura de J. Derrida publica o artigo “February 15, or what binds Europeans together: a plea for a common foreign policy, beginning in the core of Europe” no *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, contra o pragmatismo político dos governantes europeus e contra a invasão do Iraque pelos EUA. Esta intervenção pública ocorre após milhões de europeus se terem manifestado em massa contra a hegemonia norte-americana. Como consequência, um grupo de intelectuais europeus — Umberto Eco (italiano), Adolf Muschg (suíço), Gianni Vattimo (italiano), Fernando Savater (espanhol) — solidariza-se com esta revitalização da esfera pública e aceita o desafio de avançar publicamente juízos críticos.

Entretanto, há que destacar dois outros episódios vitais, nos quais os intelectuais dinamizaram, via meios de comunicação, uma discussão acesa sobre as posições políticas que têm vindo a arrastar a Europa para a desintegração: (1) a publicação do artigo “Rendons l’Europe plus démocratique!” de J. Habermas (2011), publicado no *Le Monde* (25 de outubro), que denuncia a rutura entre o povo europeu e nomeia as falhas de uma Europa economicamente moribunda e politicamente frágil; e (2) o recente manifesto “Wir sind Europa”, encabeçado por Ulrich Beck e Daniel Cohn-Bendit (2012 — 5 de maio), o qual censura a Europa das elites e dos tecnocratas, invoca a autorreflexividade, a liberdade, a dignidade e a emancipação dos sujeitos modernos e apela à reconstrução da Europa a partir de baixo.¹²

De facto, podemos aferir que o advento do poder da cultura, e dos intelectuais em particular, tem vindo a confrontar, de forma criativa e democrática, a cultura do poder económico e político (Goldfarb, 2012).¹³ Segundo, B. Misztal (2007: 4), o compromisso e a participação cívica dos intelectuais no espaço público têm vindo a expandir a imaginação democrática, impulsionando uma maior sensibilidade cívica dos cidadãos e líderes. Aliás, na sua obra *Intellectuals and the Public Good*, Misztal confirma que as ações dos intelectuais com qualidades específicas — como coragem e criatividade

12 Ver o apelo à liberdade do Manifesto: “A Europa não pode funcionar sem europeus comprometidos, e os europeus não podem fazer as suas coisas sem respirar o ar da liberdade.”

13 Ver Goldfarb (2012: 161): “[...] Os intelectuais têm um papel na vida cultural da política, nas suas possibilidades de reinvenção, na possibilidade que o poder da cultura tem de confrontar a cultura do poder em formas criativas e democráticas.”

— foram determinantes na criação do projeto democrático. Conseguimos também identificar no estudo, de cariz misto (quantitativo e qualitativo), de Charles Kurzman e Erin Leahey (2004), que as ondas de democratização no século XX estão diretamente relacionadas com a intervenção dos intelectuais: os autores concluem que os países não democráticos do final do século passado que evidenciavam um maior *ratio* de intelectuais na população experimentaram um processo de democratização consideravelmente mais acelerado do que os países com menor *ratio* de intelectuais na população. Contudo, esta relação próxima entre intelectuais e valores democráticos já havia sido colocada em evidência por N. Bobbio (1997: 58-59) em *Os Intelectuais e o Poder*:

A comunidade dos intelectuais, que é por excelência uma comunidade fora das pátrias, uma comunidade cosmopolita, parece particularmente adequada para intervir no debate sobre esses grandes temas. Quais são esses temas? Creio que são substancialmente dois: a *opressão* — entendendo como expressão todas as violações dos direitos do homem, à defesa de alguns dos quais (liberdade pessoal, liberdade de pensamento, de imprensa, de religião) os homens de cultura são particularmente sensíveis; e a *guerra* — entendendo-se na aceção mais ampla para compreender assim as guerras insurrecionais, revolucionárias, civis, de liberdade, etc. Tanto um como outro tema podem se resolver no único grande problema da *violência na história*, diante do qual o intelectual se ergue como portador das exigências da razão, da verdade, da liberdade, da tolerância, da compreensão, do amor, da piedade.

Este compromisso contra a injustiça e opressão social é claramente visível no envolvimento de um grupo de intelectuais no recente movimento norte-americano “Occupy”. A 16 de outubro de 2011, Dan Berrett destaca no *The Chronicle* as raízes académicas e o envolvimento de intelectuais no movimento “Occupy” (Cornel West, Slavoj Zizek, o francês Fox Piven). A reportagem realça o discurso do Nobel da economia Joseph Stiglitz, que aquando da sua visita ao “Occupy Wall Street” afirmou: “Estamos a suportar os custos das suas más ações. Temos um sistema em que se socializam as perdas e se privatizam os ganhos. Isto não é capitalismo; não é economia de mercado. Isto é uma economia distorcida.”¹⁴ Entretanto, outros membros reconhecidos da academia americana intervieram no movimento como forma de o legitimar, tanto através de intervenções pessoais — Michael Hardt,¹⁵ Jeffrey D. Sachs,¹⁶ Lawrence Lessig¹⁷ — como através de uma petição de mais 200 membros

14 Recuperado de: <http://chronicle.com/article/Intellectual-Roots-of-Wall/129428> (última consultada em 1/7/2013).

15 “A indignação contra a ambição corporativa e a desigualdade económica é real e profunda. Mas não menos importante é o protesto contra a falta, ou falha, de representação política” (Michael Hardt, retirado do artigo referido na nota anterior).

16 “Ou o nosso governo vai ficar completamente encolhido e disfuncional, ou vamos começar a pagar novamente para a civilização.” (Jeffrey D. Sachs, *ibid.*)

17 “A prisão de centenas de jovens cansados e sujos, negada a liberdade de um megafone e do direito a protestar na via pública, pode muito bem conter os primeiros sinais da recuperação, da primavera americana. E se bem alimentada, poderá muito bem ser o começo da verdadeira mudança.” (Lawrence Lessig, *ibid.*)

da Universidade de Columbia que apadrinham o "Occupy Wall Street". Uma das intervenções mais carismáticas foi a do filósofo Slavoj Zizek, que apelou a um sentido de responsabilidade social contínuo, que vá para além do delírio do momento.¹⁸

À luz da reflexão aqui proposta, podemos concluir que os intelectuais do século XXI retomaram o seu "efeito desestabilizador" e ganharam notoriedade nas ondas de contestação social. Parece-nos então que a intervenção social, cívica e política dos agentes do campo cultural da última década já não se ajusta à proposta de Z. Bauman (1987), pois os intelectuais, com "a sua centelha de imaginação na conceção de alternativas, e uma pitada de coragem necessária para polarizar, provocar e escrever panfletos" (Habermas, 2009), têm produzido juízos críticos, instigado cada vez mais o debate público, que até então parecia adormecido por uma "visão do mundo" consensual, e têm participado ativamente em movimentos sociais. Em suma, e reproduzindo as palavras de S. Nair, tanto os intelectuais, como os cidadãos em geral, terão de recuperar "[...] a insolência salvadora da luta pela liberdade, pela igualdade e pela solidariedade. Certamente que isto não é a solução para o atual impasse. Mas é a única via realmente humana para sair dele." (Morin e Nair, 1997: 257)

Referências bibliográficas

- Alexander, Jeffrey C. (1998), "Acção colectiva, cultura e sociedade civil: secularização, actualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais", *Revista Brasileira Ciências Sociais*, 13 (37), pp. 5-31.
- Bauman, Zygmunt (1987), *Legislators and Interpreters*, Cambridge, Polity Press.
- Bauman, Zygmunt (2000 [1999]), *Em Busca da Política*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Beck, Ulrich (1992 [1986]), *Risk Society. Towards a New Modernity*, Londres, Thousand Oaks e Nova Deli, Sage Publications.
- Beck, Ulrich, e Daniel Cohn-Bendit (2012), "Wir sind Europa: Manifest zur Neugründung Europas von unten", retirado de *Allianz Kulturstiftung*: <http://manifest-europa.eu/category/allgemein?lang=de> (última consulta em 1/7/2013).
- Benda, Julien (2003 [1927]), *La Trahison des Clercs*, Paris, Les Cahiers Rouges, Grasset.
- Bloch, Ernst (1959), *Das Prinzip Hoffnung*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag.

18 Excerto do discurso de S. Zizek: "Não se apaixonem por si mesmos, nem pelo momento agradável que estamos tendo aqui. Carnavais custam muito pouco — o verdadeiro teste de seu valor é o que permanece no dia seguinte, ou a maneira como nossa vida normal e cotidiana será modificada. Apaixone-se pelo trabalho duro e paciente — somos o início, não o fim. Nossa mensagem básica é: o tabu já foi rompido, não vivemos no melhor mundo possível, temos a permissão e a obrigação de pensar em alternativas. Há um longo caminho pela frente, e em pouco tempo teremos de enfrentar questões realmente difíceis — questões não sobre aquilo que não queremos, mas sobre aquilo que queremos. Qual organização social pode substituir o capitalismo vigente? De quais tipos de líderes nós precisamos? As alternativas do século XX obviamente não servem." (Extraído de <http://www.ad-vivo.com.br/blog/luisnassif/o-discurso-de-slavoj-zizek-no-occupy-wall-street> em 1/7/2013)

- Bobbio, Norberto (1997), *Os Intelectuais e o Poder. Dúvidas e Opções dos Homens da Cultura na Sociedade Contemporânea*, São Paulo, Unesp.
- Bourdieu, Pierre (1983), *Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro, Marco Zero.
- Bourdieu, Pierre (2001), *Contrafogos II. Por Um Movimento Social Europeu*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Castells, Manuel (1999), *A Era da Informação. Economia, Sociedade e Cultura*, São Paulo, Paz e Terra.
- Chomsky, Noam (1967), "The responsibility of intellectuals", *The New York Review of Books*, 23 de fevereiro.
- Della Porta, Donatella, e M. Caiani (2009), *Social Movements and Europeanization*, Oxford, Oxford University Press.
- Eyal, Gil, e Larissa Buchholz (2010), "From the sociology of intellectuals to the sociology of interventions", *Annual Review of Sociology*, 36, pp. 117-137.
- Fleck, Christian, Andreas Hess, e Stina Lyon (2009), *Intellectuals and Their Publics. Perspectives from the Social Sciences*, Aldershot, Hampshire, Ashgate.
- Foucault, Michel (2000), "Truth and power", em P. Rabiow (org.) e J. D. Faubion, *Essential Works of Michel Foucault*, vol. 3: *Power*, Nova Iorque, New Press.
- Fuller, Steven (2004), "Intellectuals: an endangered species in the twenty-first century?", *Economy and Society*, 33 (4), novembro, pp. 463-483.
- Giddens, Anthony (2000), *O Mundo na Era da Globalização*, Lisboa, Editorial Presença.
- Goldfarb, Jeffrey C. (2012), *Reinventing Political Culture. The Power of Culture versus the Culture of Power*, Cambridge, Polity Press.
- Habermas, Jürgen (1981), *Theorie des Kommunikativen Handelns Bd. II. Zur Kritik der Funktionalistischen Vernunft*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag.
- Habermas, Jürgen (2009), *Europe. The Faltering Project*, Cambridge, Polity Press.
- Habermas, Jürgen (2011), "Rendons l'Europe plus démocratique", *Le Monde*, 25 de outubro, disponível em: http://www.lemonde.fr/idees/article/2011/10/25/rendons-l-europe-plus-democratique_1593497_3232.html#ens_id=1268560 (última consulta em 1/7/2013).
- Habermas, Jürgen, e Jacques Derrida (2003), "February 15, or what binds Europeans together: a plea for a common foreign policy, beginning in the core of Europe", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 31 de maio.
- Hall, Stuart (2003), *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A.
- Held, David, A. McGrew, D. Goldblatt, e J. Perraton (1999), *Global Transformations. Politics, Economics and Culture*, Cambridge, Polity Press.
- Hessel, Stéphane (2010), *Indignez-vous!*, Montpellier, Indigène Editions.
- Jacoby, Russel (1990 [1987]), *Os Últimos Intelectuais*, São Paulo, Edusp.
- Judt, Tony (2009), *O Século XX Esquecido. Lugares e Memórias*, Lisboa, Edições 70.
- Kriesi, Hanspeter, e outros (1995), *New Social Movements in Western Europe*, Londres, University College London Press.
- Kurzman, Charles, e Erin Leahey (2004), "Intellectuals and democratization, 1905-1912 and 1989-1996", *American Journal of Sociology*, 109 (4), pp. 937-986.
- Lyotard, Jean-François (2000 [1979]), *A Condição Pós-Moderna*, Rio de Janeiro, José Olympio.
- McAdam, Dough, John D. McCarthy, e Mayor N. Zald (1999 [1996]), *Movimientos Sociales. Perspectivas Comparadas*, Madrid, Istmo.

- McDonald, Kevin (2006), *Global Movements. Action and Culture*, Londres, Blackwell.
- Melucci, Alberto (1988), "Getting involved: identity and mobilization in social movements", *International Social Movements Research*, 1, pp. 329-348.
- Misztal, Barbara A. (2007), *Intellectuals and the Public Good. Creativity and Civil Courage*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Morin, Edgar, e S. Nair (1997), *Uma Política de Civilização*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Pichardo, Nelson A. (1997), "New social movements: a critical review", *Annual Review of Sociology*, 23, pp. 411-430.
- Said, Edward (2000 [1993]), *As Representações do Intelectual. As Palestras de Reith de 1993*, Lisboa, Edições Colibri.
- Santos, Boaventura de Sousa (2005 [2001]), *Globalização. Fatalidade ou Utopia?*, Porto, Edições Afrontamento.
- Savater, Fernando (2012), "Sin pensamiento critico", *El País (Cultura)*, 25 de fevereiro, disponível em: http://cultura.elpais.com/cultura/2012/02/22/actualidad/1329922234_215883.html (última consulta em 1/7/2013).
- Scherer-Warren, Ilse (2006), "Das mobilizações às redes de movimentos sociais", *Sociedade e Estado*, 21 (1), pp. 109-130.
- Snow, David A., Sarah A. Soule, e Hanspeter Kriesi (orgs.) (2004), *The Blackwell Companion to Social Movements*, Oxford, Blackwell.
- Tilly, Charles (1978), *From Mobilization to Revolution*, Nova Iorque, Random House.
- Touraine, Alain (1989), "Os novos conflitos sociais. Para evitar mal-entendidos", *Lua Nova*, 17, junho, pp. 5-18.
- Touraine, Alain (2005), *Um Novo Paradigma. Para Compreender o Mundo de Hoje*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Wieviorka, Michel (2010), *Nove Lições de Sociologia. Como Abordar Um Mundo em Mudança?*, Lisboa, Teorema.

Pilar Damião de Medeiros. Professora auxiliar convidada na Universidade dos Açores. Email: pilarmedeiros@uac.pt

Resumo/abstract/résumé/resumen

O intelectual engagé dos movimentos sociais

Considerando tanto as continuidades e descontinuidades sócio-históricas, políticas e culturais, como também as constantes metamorfoses na esfera pública, este trabalho pretende uma análise comparativa entre o impacto multidimensional da crítica dos intelectuais dos anos 60 e 70 e a primeira década dos anos 2000. Irá, deste modo, averiguar se subsistem algumas nuances do *engagement* dos intelectuais dos movimentos sociais dos anos 60/70 no papel do intelectual hodierno face às crises emergentes de índole cultural, social, político-económica, que — embora motivadas por públicos, interesses e contextos diferentes — tendem a ter algumas características e contornos em comum. Este trabalho ambiciona perceber (1) se os intelectuais

recuperaram a sua voz, até agora adormecida, na esfera pública, (2) se têm vindo a contribuir com alternativas socioculturais e políticas e, até mesmo, (3) se têm vindo a fomentar um fórum de comunicação com o intuito de instigar alternativas à alternativa imposta pelo sistema.

Palavras-chave globalização, novos movimentos globais, intelectuais, esfera pública.

The intellectual engagé of the social movements

By taking into account the social, historic, political and cultural continuities and discontinuities, as well as the permanent metamorphosis of the public sphere, this article aims at a comparative analysis of the multidimensional impact of the intellectual critique of the 60's and 70's and that of the first decade of the 2000's. This article therefore aspires at understanding if some of the nuances of the intellectuals' engagement of the 60's and 70's social movements still persist today as regards the role of the contemporary intellectual when facing the emerging cultural, social, political and economic crisis, which — although caused by different publics, interests and contexts — tend to have some characteristics and contours in common. This work aims at understanding (1) if intellectuals have reclaimed their voice, so far silent, in the public sphere, (2) if they have been contributing with social, cultural and political alternatives and even (3) if they have been fostering communication forums with the objective of instigating alternatives to the alternative imposed by the system.

Keywords: globalization, new global movements, intellectuals, public sphere.

L'intellectuel engagé des mouvements sociaux

En tenant compte des continuités et des discontinuités socio-historiques, politiques et culturelles, mais aussi des constantes métamorphoses de la sphère publique, ce travail présente une analyse comparative entre l'impact multidimensionnel de la critique des intellectuels des années 1960 et 1970 et de la première décennie des années 2000. Il s'agit de vérifier s'il subsiste des nuances de l'engagement des intellectuels des mouvements sociaux des années 60/70 dans le rôle de l'intellectuel actuel face aux crises émergentes d'ordre culturel, social, politique et économique qui — même si elles sont motivées par des publics, des intérêts et des contextes différents — tendent à avoir des caractéristiques et des contours communs. Ce travail vise à comprendre (1) si les intellectuels ont retrouvé leur voix, qui était endormie jusqu'à présent, dans la sphère publique; (2) s'ils tendent à contribuer aux alternatives socioculturelles et politique et même (3) s'ils ont développé un forum de communication dans le but de soutenir des alternatives à l'alternative imposée par le système.

Mots-clés: mondialisation, nouveaux mouvements mondiaux, intellectuels, sphère publique.

El intelectual engagé de los movimientos sociales

Considerando tanto las continuidades y discontinuidades socio-históricas, políticas y culturales, como también las constantes metamorfosis en la esfera pública, este trabajo pretende realizar un análisis comparativo entre el impacto multidimensional de la crítica de los intelectuales de los años 60 y 70 con la primera década de los años 2000. Se averiguará, de este modo, si subsisten algunas insinuaciones del engagement de los intelectuales de los movimientos sociales de los años 60/70 en el papel del intelectual hodierno frente a las crisis emergentes de índole cultural, social, político-económica que — aunque motivadas por públicos, intereses y contextos diferentes — tienden a tener algunas características y contornos comunes. Este trabajo ambiciona percibir (1) se los intelectuales recuperaron su voz, hasta ahora adormecida, en la esfera pública; (2) se ha contribuido con alternativas socio-culturales y políticas e incluso (3) se ha fomentado un fórum de comunicación con el objetivo de instigar alternativas a la alternativa impuesta por el sistema.

Palabras-clave: globalización, nuevos movimientos globales, intelectuales, esfera pública.